

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

LUCAS EDUARDO DE BORBA

**O IMPACTO DAS MUDANÇAS NO ENSINO DURANTE A PANDEMIA
DE COVID-19: DESAFIOS E PERSPECTIVAS COM O RETORNO ÀS
AULAS PRESENCIAIS**

PORTO ALEGRE

2022

LUCAS EDUARDO DE BORBA

**O IMPACTO DAS MUDANÇAS NO ENSINO DURANTE A PANDEMIA
DE COVID-19: DESAFIOS E PERSPECTIVAS COM O RETORNO ÀS
AULAS PRESENCIAIS**

Trabalho de conclusão de curso,
Licenciatura plena em Geografia.
Departamento de Geografia. Instituto
de Geociências. Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Profº Drº Nestor André
Kaercher

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Borba, Lucas Eduardo

O impacto das mudanças no ensino durante a pandemia de covid-19: Desafios e perspectivas com o retorno às aulas presenciais / Lucas Eduardo Borba. -- 2022.
43 f.

Orientador: Nestor André Kaercher.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus
Litoral Norte, Licenciatura em Geografia, Tramandaí,
BR-RS, 2022.

1. Educação. 2. Pandemia . 3. Ensino Remoto
Emergencial. 4. Geografia Escolar. I. Kaercher, Nestor
André, orient. II. Título.

RESUMO

BORBA, Lucas Eduardo de. **O impacto das mudanças no ensino durante a pandemia de covid-19: Desafios e perspectivas com o retorno às aulas presenciais.** 2022. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

O presente trabalho visa apresentar a partir de relatos dos alunos da rede pública estadual, as dificuldades enfrentadas na implementação do ensino remoto emergencial (ERE), como alternativa a não suspensão das aulas no ano letivo de 2020 por conta da pandemia de COVID-19. O estudo se propôs através da metodologia de Grupo Focal, compreender como um grupo de jovens estudantes vivenciou esse período de ERE, suas dificuldades e perspectivas, bem como o desafio em retornar à escola depois de quase dois anos. Para este estudo, foram realizados dois encontros com um grupo de alunos do terceiro ano do ensino médio noturno na E.E.E.M Padre Reus, localizada na zona sul da cidade de Porto Alegre - RS. Os resultados evidenciaram a dificuldade dos estudantes em participar das aulas e atividades propostas a partir do uso do ERE e salientaram como vivenciaram a falta do ambiente escolar. Atrelado a isso, destaca-se que a necessidade de urgência na implantação do ERE dificultou a adequação e adaptação dos planos de aula tornando a interação entre aluno e professor muito baixa e acarretando a diminuição do vínculo com a escola durante esse período. Com o retorno as salas de aula, surgem inseguranças e lacunas se tornam perceptíveis, mas ainda assim os alunos ousam sonhar e pensar no seu futuro.

Palavras-Chave: Educação; Pandemia; Ensino Remoto Emergencial; Geografia Escolar

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
1.1	UM POUCO DA MINHA GEOGRAFIA.....	5
2	OBJETIVOS	11
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
4	METODOLOGIA	14
4.1	TIPO DE ESTUDO	14
4.2	CAMPO – A ESCOLA.....	14
4.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	17
4.4	COLETA DE DADOS.....	17
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
5.1	REVIVENDO EMOÇÕES E ENCONTRANDO MOTIVAÇÕES	21
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	35
	APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO	38
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	39
	APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO.....	40
	APÊNDICE D – ENTREVISTA: GRUPO FOCAL ENCONTRO I	41
	APÊNDICE E – ENTREVISTA: GRUPO FOCAL ENCONTRO II.....	42

1 INTRODUÇÃO

O retorno das aulas de forma presencial depois de quase dois anos de ensino remoto, vem expondo os impactos da pandemia de COVID-19 no ensino das escolas. Com o fechamento das escolas e conseqüentemente as aulas sendo transmitidas através do ensino remoto emergencial (ERE), seja pelo Google Classroom ou Google Meet, alunos e professores se perceberam diante de um grande desafio.

Aos professores a responsabilidade de transformar o seu lar, em uma sala de aula, adaptando este espaço conforme suas condições e com as ferramentas possíveis, além de lidar com as dificuldades em utilizar a tecnologia da informação para realização das suas aulas. Sempre com a intenção de possibilitar ao aluno vínculos de aprendizagem, mesmo que insuficientes para situação atual. E aos alunos o desafio de utilizar seus celulares – normalmente usados para acesso às redes sociais, em alguns momentos como ferramenta de pesquisa. Trata-se de um objeto muito mais voltado para lazer ou passatempo do que uma ferramenta de estudo, mas que nesse período foi a única alternativa para que muitos jovens estudantes pudessem manter o vínculo com a escola e seus professores. E, muitas vezes compartilhando os aparelhos com alguns familiares, ou seja, sem ter acesso ilimitado a internet para seus estudos.

Na escola Padre Reus não foi diferente, os alunos que iniciaram no primeiro ano do ensino médio em 2020, tiveram uma semana de aula na escola e logo após as suas casas foram transformadas em sala de aula, a época, sem previsão de retorno. Desse modo, este estudo buscou compreender o impacto que a pandemia de COVID-19 causou no ensino de uma escola pública localizada em Porto Alegre – RS.

1.1 UM POUCO DA MINHA GEOGRAFIA

Oriundo de São Sebastião do Caí, cidade que fica a 66 Km ao norte de Porto Alegre, filho de mãe solteira e o segundo de quatro irmãos. Nos próximos parágrafos irei contar um pouco da minha trajetória e como eu encontrei a Geografia.

A minha família sempre trabalhou muito, minha avó trabalhou na roça, cortando mato de acácia (lotes de árvores de acácia que são colhidos e comercializados como lenha e posteriormente transformados em carvão vegetal). Meu avô da mesma forma, trabalhou na roça, cortando mato de acácia, ambos não eram alfabetizados. Minha mãe, a mais nova dos dez irmãos estudou até a 5ª série e após, foi trabalhar de doméstica, morando na casa dos patrões. Essa escolha foi muito contestada pelos irmãos, já que ela estaria saindo de casa, “abandonando” sua família, mas, para minha mãe era uma oportunidade de mudar a sua realidade de vida. Como meus avós e tios eram de Capela de Santana, região metropolitana de Porto Alegre, quebrar esse ciclo de trabalho na roça era a oportunidade de chegar à capital. A mudança ocorreu em 1997, para o bairro Restinga, zona sul de Porto Alegre.

Em 1999, iniciei meus estudos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Senador Alberto Pasqualini, no bairro Restinga, nessa instituição conclui o ensino fundamental. Tenho poucas recordações deste período na escola, e algumas refletem na minha história até hoje. Um momento marcante foram as aulas de artes com o professora Maria Eugenia que era responsável por uma oficina de artes que ocorria no turno inverso ao das aulas. Nesta atividade ela trabalhava com os alunos a confecção de bonecos, jogos de tabuleiro, máscaras africanas entre outros itens, todos feitos com papel machê. Esse tipo de prática manual sempre me chamou atenção. Hoje eu poderia dizer que era uma atividade terapêutica, mas na época lembro que fazer algo do início ao fim, ver todo o processo - desde rasgar o papel, até fazer a cola e montar sua estrutura, fazia com que eu enxergasse um resultado, me fazia pensar ser capaz de criar, por isso foi tão marcante na minha vida.

Alguns anos depois, nos mudamos do Bairro Restinga e passamos a morar no Bairro Belém Velho, uma região pouco desenvolvida, não havia água encanada e

o esgoto ainda era a céu aberto. Lembro que fomos morar em uma meia água (casa com dois cômodos e um banheiro) e como não tínhamos água encanada, buscávamos água de balde em um pequeno mercadinho que atendia o bairro e foi assim, por alguns meses, até conseguirmos um “gato” de água, pagando um valor mensal pela água encanada.

Quando eu completei 14 anos de idade, em 2006, passei a realizar pequenos serviços no bairro, fiz algumas capinas, limpeza de pátio e depois de alguns meses comecei a trabalhar meio turno em uma oficina mecânica na minha rua. Desta forma garantia um dinheiro para ajudar minha mãe com as despesas da casa.

Em 2007, iniciei o ensino médio na Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus. Escolhi esta escola por influência de dois amigos que fiz na escola Pasqualini, o Leonardo e o Wagner. Minha intenção era continuar colega deles, já que no Pasqualini realizávamos a maioria das atividades juntos. Infelizmente não ficamos na mesma turma, nem no mesmo turno. Eu fui matriculado no turno da manhã e os dois no turno da tarde.

Havia algumas questões importantes nessa nova escola, o deslocamento já não era mais a pé, necessitava de ônibus que demorava em torno de 40 minutos para chegar. Diferentemente do que eu via no ensino fundamental, os meninos e meninas se vestiam bem (pelo menos comparado com a outra escola que estudei). No recreio não havia brincadeiras como pega-pega ou esconde-esconde. As pessoas se reuniam em rodas, conversavam enquanto faziam lanche, era tudo mais formal. Havia grupos bem definidos, os roqueiros andavam com roqueiros, o pessoal que jogava futebol ficava na quadra, os “playboys” em outro grupo e assim por diante. A escola foi ampliando meus mundos.

Esse tipo de divisão por gosto musical ou estilo de se vestir, fez com que eu tivesse que me adequar para me inserir em algum grupo. Decidi passar os recreios com os roqueiros, mesmo não gostando de rock. Estes não exigiam roupa de marca ou coisa do tipo, só não queriam ser incomodados e era exatamente o que eu também buscava.

O nível de cobrança e a quantidade de conteúdo na escola Padre Reus me assustou um pouco e no primeiro ano fiquei em recuperação nas onze disciplinas do total de treze, somente educação física e artes não foi necessário. Ao final do ano, fui aprovado nas demais disciplinas, mas no segundo ano e terceiro ano as recuperações se repetiram, porém no neste último acabei reprovando e a conclusão do ensino médio foi adiada. Um misto de vergonha e tristeza, afinal, faltava tão pouco né?

No início do ano letivo de 2010 meu objetivo principal passou a ser alcançar apenas a média 7 ao final de cada trimestre, não importava como. Neste mesmo ano, logo no início das aulas fui chamado pela orientadora escolar para uma conversa sobre a minha intenção em permanecer na escola. Neste dia, reforcei que gostaria de passar de ano aprendendo de fato o conteúdo e por isso havia decidido continuar na escola (normalmente os alunos que reprovavam em apenas uma disciplina, optavam por fazer dependência da disciplina que reprovou e para isso, necessitavam trocar de escola). Eu me identificava mais com o conteúdo de biologia, literatura, espanhol e religião, essa última porque a aula era adaptada com dinâmicas como alongamentos, elaboração de pequenas cenas de teatro, improvisos de coreografias e cantigas, era um momento diferente, realmente instigante. Assim, dei sequência aos meus estudos.

No segundo trimestre, recebi uma bolsa em um curso pré-vestibular, um intensivo para o vestibular da UFRGS. Confesso que não estava em meus planos, pois já estudava de manhã e trabalhava à tarde, então teria só o turno da noite disponível. Acabei aceitando a bolsa, mas também não tinha muita ideia de qual curso iria escolher ou se iria prestar o vestibular em janeiro do próximo ano. Frequentei o curso por dois meses e abandonei. Chegava muito tarde em casa e no outro dia tinha que acordar muito cedo para ir à escola. Como o meu objetivo era concluir o ensino médio, não era o momento de pensar em faculdade, ainda era uma realidade distante, muito por conta da minha visão de que concluir o ensino médio já era sinônimo de melhor oportunidade de trabalho, ou que era suficiente para arrumar um emprego que pudesse me sustentar ou ajudar no sustento da minha família.

Confesso que não fazia ideia do que era a UFRGS. O mais próximo de uma Universidade que estive naquela época foi ao realizar a prova do ENEM no ano anterior, por conta da influência dos meus colegas, mas ainda assim era distante da realidade. Afinal, como no vestibular, você precisa de bom desempenho e convenhamos que uma prova como o ENEM não é feita para um Lucas que trabalha desde os 14 anos de idade e pouco se identifica dentro de uma escola. Afinal escola é só mais um degrau em busca de algo. Mas que algo? Algo que me dê conforto, qualidade de vida, ou a possibilidade de viver com dignidade.

E nesse ponto eu entendo o entusiasmo dos professores em incentivar os alunos a prestarem vestibular na UFRGS. Teve um tempo que a escola fazia um painel com o nome dos ex-alunos que passaram no vestibular. Muito disso era para incentivar os outros alunos, mas para isso acontecer não basta somente o incentivo, mas também contar com uma estrutura emocional e familiar. É necessário existir uma referência para que possamos entender o que é estar dentro de uma Universidade, seja via vestibular ou ENEM, em uma faculdade pública ou privada, a partir de cotas ou não. E eu que não tinha essa referência na família. Conto a seguir a “sorte” que tive.

Após concluir o ensino médio no final de 2010, fiquei um ano somente trabalhando. Entendia que ficar este período com apenas um compromisso e de quebra ainda juntar algum dinheiro, faria com que no próximo ano eu tivesse condições de retomar os estudos a partir de um curso técnico. Em 2012, realizei minha matrícula para o curso técnico. Vi uma propaganda de uma escola que fica no centro de Porto Alegre. Convidei meu amigo Henrique para ir comigo, assisti uma palestra e me matriculei. Foi assim, quase que no impulso, não sabia bem o que era o curso, mas li a grade curricular e me identifiquei com algumas disciplinas, naquele momento isso foi suficiente para fazer a escolha. Na época eu trabalhava em uma pequena empresa próxima da minha casa, um ambiente insalubre, onde as condições de trabalho eram precárias, mas que garantia o pagamento da mensalidade do meu curso técnico todo o mês.

Em 2014, ano em que formei técnico em Segurança do Trabalho, fui contratado pela mesma escola que realizei o curso. Lá, trabalhei na área comercial e

depois no atendimento ao aluno, mas o fato de eu estar formado em um curso técnico, e, principalmente de eu ter investido nesse curso, fez com que eu sentisse a necessidade de procurar outra oportunidade de emprego, mas algo melhor aconteceu durante essa busca.

Uma das pessoas mais importantes que conheci, me apresentou a Geografia. Na verdade, ela me disse assim: “Por que tu não tentas Geografia? Ela mudou minha vida, pode mudar a tua também” – Leonardo Cotrim, geógrafo, amigo, que muitas vezes foi um pai e tantas outras um irmão, pai do meu melhor amigo Guilherme Cotrim, herança improvável da escola Padre Reus. A pessoa que foi na minha casa pedir que minha mãe deixasse eu morar com ele, para que desta forma ele pudesse me ajudar a estudar e para que eu estivesse mais perto do meu trabalho, assim, ganharia tempo, conforto e reforço nos estudos. E agora entra o que eu escrevi dois parágrafos atrás, a referência. O alicerce necessário – agora eu me sentia capaz.

Em janeiro de 2015 prestei o vestibular da UFRGS, não passei na primeira chamada, me senti triste, obviamente, mas ao mesmo tempo tentei tirar o peso da responsabilidade de ser aprovado, pensando que talvez em outro ano eu pudesse realizar o ENEM e quem sabe conseguir uma bolsa pelo SISU.

Então em uma noite de sábado, estava na praia de Rondinha – RS com meu amigo Henrique e o Guilherme me liga: “Parabéns irmão, meu mais novo colega de universidade” (ele havia passado no vestibular para administração pública). Fui aprovado na segunda chamada, que satisfação receber aquela notícia, um sentimento de vitória, um sentimento de “eu cheguei, eu consegui chegar”, mas só foi possível graças ao apoio de muitas pessoas. Foi coletivo mesmo, afinal, quem somos nós sozinhos?

Atualmente exerço a profissão de técnico em segurança do trabalho, em uma concessionária de veículos na zona norte de Porto Alegre e essa experiência possibilita que eu conheça várias realidades de vida. No local em que trabalho, converso diariamente com pessoas que não tiveram a possibilidade de estudar ou concluir o ensino básico, mas que aprenderam uma profissão que não só garante o sustento da sua família, mas também possibilita uma estrutura para que seus filhos

possam conquistar uma vida melhor através do estudo, como eles não puderam. Mas no local onde eu trabalho, há também jovens que almejam cursar uma faculdade, que realizaram um curso profissionalizante e que veem o estudo como uma forma de ampliação de conhecimento e remuneração.

A partir desse meu relato pessoal – tão comum a tantos adolescentes de classe popular – que surgiu a vontade de ouvir outros jovens estudantes, que tem a sua realidade de vida marcada pela conciliação entre o estudo e trabalho. Desejo saber como a pandemia impactou a vida desses estudantes e quais são suas expectativas diante desse momento de incertezas que afetam tanto a área da saúde, como da educação.

2 OBJETIVOS

Compreender as perspectivas dos jovens que retornam à sala de aula nesta nova etapa da pandemia, as dificuldades encontradas neste regresso, bem como os desafios da reintegração ao ambiente escolar.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No início de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou a covid-19 como uma pandemia, devido a disseminação acelerada do vírus em diversos países. A partir desse cenário foram instituídas medidas para diminuir a transmissão do vírus e evitar a sobrecarga do sistema de saúde, dentre elas o fechamento de escolas e demais estabelecimentos considerados não essenciais (OPAS, 2022).

Diante disso, o sistema educacional necessitou ser reorganizado para reduzir o impacto das suspensões das atividades escolares presenciais. Assim, o Ministério da Educação (MEC) através da portaria nº 343 permitiu a utilização de tecnologias de informação e comunicação (TICs) como alternativa as aulas presenciais, a fim de minimizar o afastamento dos alunos do ambiente escolar (DUARTE *et al.*, 2021; BRASIL, 2020).

A necessidade de acesso as tecnologias de informação utilizadas como plataforma para aprendizagem no ambiente domiciliar evidenciaram, ainda mais, o nível de desigualdade social presente no país. Assim, no âmbito estadual, o governo do estado do Rio Grande do Sul junto a assembleia legislativa, aprovou um orçamento de 5,4 milhões de reais para financiar a disponibilização do sinal de internet a todos os estudantes da rede pública, a fim de fortalecer o ensino remoto emergencial e minimizar o impacto da suspensão das aulas presenciais. Apesar disso, essa ação não garantiu que todos os estudantes tivessem acesso a este recurso (FERRAZ, 2020).

É um grande desafio assegurar que a educação remota ocorra de forma efetiva, visto que é necessário a supervisão e auxílio familiar no processo de aprendizagem e isso depende de fatores como tempo disponível dos pais, seu nível de conhecimento, as condições de acesso ao material didático virtual e as limitações de conhecimento dessa família para auxiliar nas dúvidas dos filhos. Esses fatores impactarão diretamente no progresso e aprendizagem do aluno (DUARTE *et al.*, 2021).

A Pandemia impôs, devido às restrições de circulação e necessidade de isolamento social, a adaptação das metodologias de ensino para que fosse possível o aluno manter o vínculo com o ambiente escolar mesmo que a distância. Assim, é implantada a metodologia de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Caracteriza-se como remoto devido ao impedimento através do decreto de realização de aulas presenciais e emergencial pois foi necessário a reorganização de todo o planejamento pedagógico previsto para o ano letivo de 2020 de forma imediata. Foi necessário repensar as estratégias pedagógicas através do uso da internet, visto que o conteúdo não foi sistematizado para ser aplicado de forma remota. O ERE é uma modalidade de ensino implantada temporariamente para que as atividades escolares não fossem suspensas e sua principal característica é o distanciamento geográfico entre os alunos e professores (BEHAR, 2020).

Passado esse período e com o avanço da vacinação da população no estado, houve uma movimentação por parte do setor privado para que as aulas retornassem de forma presencial, visto que essas instituições já sofriam com a evasão escolar decorrente da pandemia. Desta forma, em outubro de 2021 o governo do estado publicou um novo decreto determinando o retorno das aulas presenciais, desde que as instituições de ensino atendessem requisitos que garantissem a segurança dos alunos e professores (BRASIL, 2021).

Com a retomada do ensino presencial, as escolas públicas precisaram adaptar o ambiente escolar, já que apesar do aumento gradual dos índices de vacinação ainda existiam altas taxas de contaminação. Além do retorno gradual, a insegurança em relação ao risco de contaminação era uma preocupação e muitas famílias optaram por não autorizar o retorno dos seus filhos à escola de forma presencial, alguns professores também se sentiam inseguros em retornar à sala de aula. Desse modo, é importante compreender o impacto das mudanças no ensino durante a pandemia de covid-19 e os desafios impostos aos alunos e professores no retorno das aulas presenciais.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

Foi desenvolvido um estudo qualitativo, através da metodologia de Grupo Focal que se caracteriza pela interação de um grupo sobre determinado assunto, possibilitando uma contribuição espontânea e fomentando a exposição do que os participantes consideram relevantes sobre o tema. A técnica se propõe a reunir o público-alvo a fim de possibilitar, através do diálogo e debate, que o pesquisador possa coletar as informações a respeito do tema proposto (POMMER; POMMER, 2014).

4.2 CAMPO – A ESCOLA

O estudo foi desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus que fica localizada na Avenida Otto Niemeyer, número 650, bairro Tristeza, zona sul de Porto Alegre. Além de estar localizada em um bairro de classe média, rodeado de grandes estabelecimentos comerciais, a instituição de ensino conta com uma ótima infraestrutura. Atualmente 90% das salas de aula estão equipadas com projetor de mídia e quadro branco. A escola também conta com um ginásio poliesportivo e quadra de futebol externa, biblioteca, sala de informática, sala de xerox e auditório para palestras e apresentações. Ainda, dispõe de uma área que no início dos anos 2000 era um campo de futebol oficial, mas que hoje está desativado. Atualmente a escola possui 680 alunos, nas turmas de ensino médio, divididos nos turnos da manhã, tarde e noite.

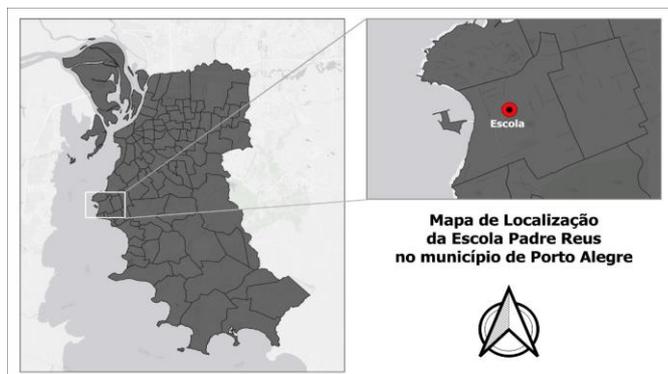


Figura 1: Mapa localização da Escola Padre Reus – Porto Alegre/RS



Foto 1: Fachada da Escola



Foto 2: Entrada da Escola

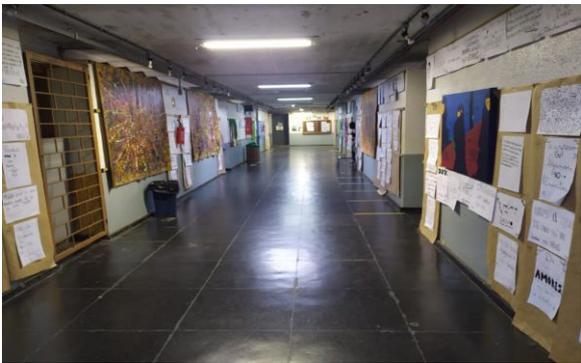


Foto 3: Corredor principal



Foto 4: Sala de aula



Foto 5: Parte do pátio com quadra e ao lado ginásio

Logo na entrada da escola é possível identificar dois outdoors comerciais (uma das fontes de renda da instituição). Ao lado da escola também existe uma loja de carros (Fiat), que aluga parte do terreno que pertence à escola. Em meados de 2015 o colégio recebeu uma proposta de uma grande incorporado do ramo imobiliário para vender o terreno onde era o campo de futebol, em troca receberia um ginásio poliesportivo novo, mas a proposta não foi adiante.

Além das características citadas acima, a instituição conta com um reforço muito relevante que é a participação ativa dos pais. Muitas atividades coletivas como gincanas, feira de ciências, festa junina e tantos outros eventos festivos, contam com a participação dos familiares de alunos (em sua maioria representada pelas mães). Inclusive, havia mães que ajudavam na conservação da escola, muitas vezes passavam o dia ajudando em alguma demanda em horário de aula, como por exemplo, monitorar o recreio, ou monitorar o acesso de pessoas na escola.

Em 2016, quando tivemos as ocupações dos estudantes secundaristas nas escolas e que se estendeu as universidades, pautando principalmente a contrariedade da aprovação da PEC 241/2016, a emenda que prevê o congelamento dos gastos públicos por 20 anos, incluindo o investimento em educação, a escola Padre Reus esteve ocupada durante todo o período de protestos e muitos pais ajudaram participando, incentivando os jovens e realizando doação de alimentos, produtos de higiene, organização e vigília da escola.

Esse envolvimento das famílias, somado ao engajamento dos professores e funcionários, torna a escola Padre Reus um local almejado, admirado pela comunidade escolar e um espaço de transformação para além da escola. Existem projetos de conscientização sobre bullying, uma organização entre escola e alunos para que se trabalhe um coletivo LGBTQIA+ e um coletivo Negro, justamente para que os alunos e a comunidade escolar possam debater esses temas tão importantes e assim construir uma sociedade igualitária.

Todas as vezes que compareci na escola para realização do Grupo Focal, chegava mais cedo para conversar com a direção e funcionários. Eles comentavam que normalmente o turno da manhã e tarde, participa mais dos projetos, mas que de alguns anos para cá, o turno da noite também passou a ter mais interesse e atualmente participa da construção dos coletivos (LGBTQIA+ e Coletivo Negro). Recentemente tivemos a campanha do setembro amarelo, para prevenção ao suicídio, e todos os turnos da escola tiveram participação, isso surpreendeu positivamente a direção, já que o turno da noite tem menor participação, principalmente porque tem uma rotina diferente, muitos trabalham, já vem cansados

para a escola, outros residem mais longe e dependem do transporte público para se deslocar.

Os alunos que frequentam a escola, em sua maioria são de bairros próximos, como: Cavalhada, Camaquã e Cristal. Mas alguns também moram em bairros mais distantes, como: Ipanema, Ponta Grossa, Belém Novo, Belém Velho, Hípica, Restinga e Lami, a quantidade de bairros representa a demanda por vagas. No ano de 2022, formaram-se filas de espera para todos os anos (1º, 2º e 3º) dos turnos manhã e tarde. Havia disponíveis somente vagas para o turno da noite, que normalmente são ocupadas por alunos que necessitam trabalhar durante o dia, seja em estágio ou trabalho formal.

4.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Nesse sentido, optei por realizar o estudo com os alunos do terceiro ano noturno, a fim de explorar os impactos e os desafios do contexto da educação durante a pandemia nessa população específica.

4.4 COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi desenvolvida em quatro etapas. Na primeira etapa foi realizada uma visita na escola Padre Reus para uma conversa com a direção e coordenação da escola. Nesta oportunidade apresentei a proposta de realizar uma pesquisa através da aplicação de entrevistas semiestruturadas com a metodologia de Grupo Focal, com alunos do terceiro ano noturno. Expus minhas intenções e a Carta de Apresentação (APÊNDICE A), uma cópia das questões que foram desenvolvidas para a condução do Grupo Focal e um cronograma de encontros necessários para realização da atividade com os alunos. Este cronograma foi adequado em conjunto a coordenação da escola. Foi realizado um cadastro com meus dados para que eu pudesse acessar a escola e executar as atividades propostas.

A segunda etapa ocorreu somente duas semanas após, devido a minha contaminação pelo vírus da covid-19, sendo necessário meu afastamento e

isolamento durante sete dias. No dia 21 de setembro, cheguei na escola para me apresentar a primeira turma de terceiro ano. Nessa oportunidade, o professor de geografia antes mesmo de iniciar a chamada, pediu atenção aos alunos para que eu fizesse minha apresentação, explicasse o objetivo do trabalho proposto e a importância da participação deles. Quatro alunos levantaram a mão sinalizando o interesse em participar do Grupo Focal e logo após eu perguntar se mais algum aluno tinha vontade de participar, outros três levantaram a mão, totalizando o quantitativo de sete alunos.

O professor dispensou os alunos interessados em participar das atividades da disciplina para que eu pudesse aprofundar mais sobre o tema, fomos então para uma sala de aula ao lado que estava disponível. Antes de iniciar, fiz uma nova apresentação, comentei sobre as questões seriam trabalhadas e perguntei se poderíamos realizar o Grupo Focal neste mesmo dia e todos concordaram. Sendo assim, foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) e entregue um Formulário de Identificação (APÊNDICE C) para preenchimento pelos participantes.

Enquanto eles liam o termo de consentimento, organizei um círculo com as cadeiras e no meio posicionei o celular que ficaria gravando nosso diálogo. Solicitei aos alunos que deixassem suas mochilas e celulares em outro espaço da sala de aula, para evitarmos maiores distrações no decorrer da atividade. Antes de iniciar com as questões tratei de deixá-los bem à vontade, pois a ideia era que eles pudessem dizer o que realmente pensavam e o que vivenciaram. Para a condução do primeiro encontro foi utilizado o instrumento Entrevista – Grupo Focal Encontro I (APÊNDICE D).

No dia 28 de setembro, foi proposto um novo encontro com o mesmo grupo de alunos. Nesta oportunidade busquei aprofundar alguns temas e trazer novas questões para o grupo. No segundo encontro foi utilizado o instrumento Entrevista – Grupo Focal Encontro II (APÊNDICE E) para o desenvolvimento da atividade. Três alunos não puderam comparecer a aula e não participaram desse segundo momento do Grupo Focal.

Os dois encontros totalizaram uma hora e dez minutos de gravação e em ambas as oportunidades, após concluir a gravação, os alunos relataram a satisfação em participar deste tipo atividade e relataram que o espaço os ajudou a refletir sobre todo o processo de retorno às aulas e as perspectivas futuras.

As entrevistas foram gravadas e transcritas integralmente, sendo identificadas com nomes fictícios para preservar a identificação dos participantes. Após a transcrição integral da gravação das entrevistas, os dados foram analisados e descritos a seguir.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, apresentam-se os resultados encontrados nesta pesquisa e a reflexões das informações a respeito do tema.

A caracterização do perfil dos alunos (as) entrevistados na pesquisa, apresenta-se no Quadro 1.

Quadro 1 – Perfil dos alunos (as) entrevistados

Nome	Idade	Trabalha?	Bairro onde reside	Tempo e modo de deslocamento até a escola
Gisele*	19 anos	Sim/ 6 horas	Vila Nova	20 minutos de ônibus
Lucia*	19 anos	Sim/ 8 horas	Vila Nova	30 minutos de ônibus
Eduarda*	17 anos	Não	Serraria	25 minutos de ônibus
Otávio*	18 anos	Sim/ 6 horas	Tristeza	10 minutos a pé
Júlia*	17 anos	Não	Ipanema	20 minutos de ônibus
Maria*	18 anos	Sim/ 6 horas	Assunção	10 minutos de ônibus
Álvaro*	19 anos	Sim/ 12 horas	Tristeza	10 minutos de ônibus

(*) Nome fictício para preservar a identidade dos participantes.

Fonte: BORBA, Lucas Eduardo de. O impacto das mudanças no ensino durante a pandemia de covid-19: desafios e perspectivas com o retorno às aulas presenciais, 2022.

O Quadro 1 expressa que 71,4% dos estudantes permaneceram trabalhando enquanto as escolas estavam fechadas. Também é possível identificar que todos os jovens residem nos bairros próximos a escola. Com relação ao tempo de deslocamento, é importante destacar que ele varia de acordo com as linhas de ônibus disponíveis para os bairros, sendo que, para o bairro Vila Nova, há somente uma linha de ônibus que atende os estudantes. Diferentemente dos demais, que oferecem no mínimo três linhas de ônibus, o que influencia diretamente no tempo de deslocamento necessário para chegar à escola.

5.1 REVIVENDO EMOÇÕES E ENCONTRANDO MOTIVAÇÕES

A última vez que havia entrado em sala de aula como professor foi em 2019, quando realizei meu último estágio obrigatório, também na escola Padre Reus. Um misto de ansiedade com nervosismo tomou conta de mim, mas ao iniciarmos o grupo focal, os sentimentos e anseios foram amenizando. Eis o resultado:

Como a pandemia de covid 19 afetou nos seus estudos? Havia um local na sua casa que você considerava ideal para assistir as aulas?

“Afetou muito, porque eu posso dizer que eu não aprendi nada no estudo remoto. Estudava dentro de casa, usando o celular com minha família toda dentro de casa que não ajudava muito. Eu posso dizer que realmente eu não aprendi nada... Não tinha como aprender, pelo menos no meu caso, eu não estava conseguindo aprender e aí foi um baque enorme chegar no terceiro ano sabe? Ter matéria e ter aula depois de basicamente dois anos.” (Eduarda)

A partir da primeira pergunta, é possível identificar um dos maiores desafios do ensino remoto emergencial. Além de adaptar os conteúdos para atender os alunos em casa, a falta de estrutura nas residências também foi um fator importante e difícil de mensurar diante dos desafios que a pandemia nos impôs.

“Foi exatamente da mesma forma que ela (Eduarda), só que no caso era só eu e minha mãe dentro de casa né. Só que igual eu chegava do trabalho cansada e não tinha pique nenhum para ligar uma aula online e ficar assistindo.” (Lucia)

Para que o ensino remoto emergencial pudesse ocorrer, era necessário que os alunos tivessem meios de acessar os conteúdos via internet. No relato da Lucia, é possível perceber a importância de estar no ambiente escolar, uma questão que irá aparecer também em outros relatos deste grupo. Ao chegar em casa do trabalho, os alunos relatavam estar mais à vontade, muitas vezes se programavam para assistir aula, mas quando surgia alguma atividade relacionada a casa, eles acabavam priorizando esta, e os estudos ficavam em segundo plano.

“Foi a mesma experiencia comigo, tipo, até dava para entender alguma coisa. Mas eu só tentava entender a atividade quando valia nota. Daí, conversava com o professor para ele me explicar novamente e desta forma eu realizava algumas atividades.” (Maria)

Nessa fala da participante Maria, é importante destacar que apesar de concordar com os relatos anteriores, ela reforça uma característica que, com certeza, já nos deparamos dentro da escola, um maior interesse no conteúdo quando a atividade é avaliativa. Ela relata também que assistiu algumas aulas, mas sempre que surgia um trabalho ou atividade para entregar, tinha mais interesse em esclarecer as dúvidas e finalizar a tarefa.

“Eu vim um dia da semana e peguei os trabalhos atrasados. Depois eu fiz eles todos em casa com a ajuda do meu celular e do meu notebook, daí depois vim aqui e entreguei (os trabalhos) e não compareci mais.” (Álvaro)

Essa alternativa exposta pelo Álvaro, foi a forma que a escola encontrou para atender aos alunos que não tinham como acessar os conteúdos de forma remota. Normalmente eles compareciam a escola uma vez por semana para retirar as atividades de forma física e resolvê-las em casa.

No caso do Álvaro, ele achava melhor retirar as atividades na escola porque sentia maior obrigação na realização das tarefas. Não gostava de assistir as aulas e tinha dificuldade para se concentrar em casa com sua família.

“Eu queria falar que eu só tentei estudar no primeiro ano. Fazia as atividades em casa, junto com os meus irmãos e quando eu vi que eles não iam reprovar eu parei de realizar as atividades.” (Otávio)

O Otávio relatou que tem mais dois irmãos que estão no ensino fundamental. Ele não só trabalha, mas também ao chegar em casa costumava ajudar seus irmãos com as tarefas da escola. Esse relato também desperta uma reflexão importante nesse período de ensino remoto emergencial. O Conselho Nacional de Educação (CNE), recomenda que as instituições de ensino não retenham o aluno, visto que também não haverá obrigatoriedade de controle de presença dos estudantes. No entendimento da CNE, evitaria a evasão escolar e as escolas teriam a oportunidade de revisar os conteúdos do ano perdido, junto com o do próximo ano. No caso do Otávio, que não acompanhou as atividades através do ERE, o primeiro contato dele com o conteúdo seria na revisão após o retorno das aulas presenciais.

“E basicamente a gente trocava respostas via WhatsApp. Quando ninguém tinha feito ainda a gente buscava as respostas na internet.” (Eduarda)

“Resumindo, todo mundo colava de todo mundo. É que a gente já entrou no ensino médio e tipo, ensino remoto e a gente não aprendeu nada. A gente estudou uma semana presencial e depois foi tudo ensino remoto.” (Gisele)

Essa prática relatada pela Eduarda e Gisele, já ocorria antes mesmo da pandemia. Com a popularização dos celulares e a facilidade em adquirir um aparelho, ocorreu a inserção cada vez maior das tecnologias em nossa rotina. Assim, basta dois cliques para realizarmos uma pesquisa na internet e encontrar a resposta que estamos buscando.

Desta forma temos duas reflexões importantes a respeito do uso da internet para o auxílio na realização de atividades escolares. Primeiramente, é a grande quantidade de informações disponíveis e a seguir a importância de saber filtrar essas informações. Afinal, não somos ensinados a utilizar a internet como ferramenta de estudo, ela surge como opção de lazer, através das redes sociais e aos poucos, passa a obter espaço como ferramenta de busca de informações.

Dentro das questões que vocês me relataram, vocês conseguem elencar algum aspecto positivo do ensino remoto?

“Não gastar com passagem.” (Maria)

“Ir direto para casa. Eu acho que a única coisa positiva era essa, de ter o conforto de estar dentro de casa... tu está na tua casa ali assistindo uma aula, só não consegue prestar atenção (e ri dessa situação). E aqui estamos em um ambiente escolar, a gente já sabe que está vindo para cá com um objetivo (estudar).” (Lucia)

“Ir direto para casa, eu tive mais tempo de ficar com minha mãe. Normalmente quando chego da aula (presencial) ela já está dormindo. Mesmo assim eu senti falta de vir para. Aqui tu já sabe, já vem com a cabeça diferente já, com outra mentalidade...” (Álvaro)

“É... Aqui é o local de estudar, de prestar atenção.” (Eduarda)

Neste segundo momento há uma troca bem interessante entre Maria, Álvaro, Eduarda e Lucia, ao mesmo tempo que reconhecem que estar em casa é um

aspecto positivo, entendem que o ambiente escolar é essencial para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, é importante pensarmos a escola enquanto lugar no espaço geográfico. A escola, além de um espaço de aprendizagem, é também um espaço de relações, de convivência, de trocas entre alunos, professores e funcionários e pensarmos a escola enquanto lugar reforça ainda mais a sua importância na formação de cidadãos, afasta a ideia de que o ensino pode ser desenvolvido em casa, sem garantia de que o aluno irá desenvolver as habilidades e competências necessárias na sua formação básica (FERREIRA; TONINI, 2020).

Nesta questão três alunos (as) não sentiram a necessidade de responder ou participar da conversa. O aluno Otávio mostra-se um pouco introspectivo, por vezes pensativo, aperta os dedos ou olha para baixo, muitas vezes a sua participação é concordando com os colegas, tento direcionar para ele, mas com cautela, a ideia é que seja espontâneo e que o desconforto gerado na discussão, seja um benefício.

Logo na sequência complemento com a seguinte pergunta:

Vocês consideram que estar no ambiente escolar é essencial para o aprendizado?

“Sim!! Aqui (na escola) é obrigação da gente estudar. A gente vem aqui para isso.” (Eduarda)

“Sim... Sempre foi assim né, desde sempre. E tem o horário certinho né.” (Álvaro)

“É bem melhor assim (aula presencial).” (Gisele)

“Enfim, ensino remoto não dá! Não sei como as pessoas conseguem estudar EAD e entenderem o conteúdo.” (Lucia)

A aluna Lucia ao realizar a afirmação acima confunde os conceitos de ERE e Ensino a Distância (EAD), dessa forma, aproveito a questão para explicar para eles a diferença entre as modalidades de ensino. O ensino EAD é uma metodologia preparada para atender os estudantes, conta com uma plataforma virtual com tutorias e materiais de apoio. Diferentemente do ERE que foi uma modalidade de ensino temporária, como alternativa emergencial para minimizar o prejuízo

decorrente do fechamento das escolas. A grande diferença está nas circunstâncias as quais foram adotadas as medidas de ensino remoto emergencial, principalmente no ensino público, que já sofre defasagem estrutural e tecnológica.

Como foi tratada a pandemia na família de vocês?

Neste momento da conversa os alunos passaram a relatar algumas rotinas do seu cotidiano que foram comuns para a maioria da população. Como por exemplo a inserção de hábitos como a higiene das mãos com álcool gel, uso de máscara, acesso às casas sem o calçado que utilizou na rua, assim como a preocupação com os familiares pertencentes ao grupo de risco e o medo em serem um transmissor da covid para um desses familiares, principalmente porque a maioria do grupo continuou saindo de casa para ir ao trabalho.

Outro ponto interessante que surge com essa questão é o entendimento do aluno enquanto trabalhador no contexto da pandemia. Como a maioria seguiu trabalhando de forma presencial, o entendimento era muito simples, tratava-se de necessidade. Nesse contexto os alunos também contribuem na complementação da renda familiar, que é a realidade de muitos jovens estudantes.

Também nesse momento a aluna Júlia faz sua primeira participação.

“Meus pais puderam trabalhar de casa nesse período de isolamento, mas a nossa maior preocupação é com meu irmão. Ele tem autismo e vai em vários médicos aí a gente tinha que sair com ele. Inclusive umas das coisas que eu fazia em casa era cuidar dele.” (Júlia)

Com a impossibilidade de frequentar a escola, muitas vezes o estudante passa a assumir outros papéis e responsabilidades em casa, já que o tempo destinado para frequentar a escola não existe mais. A escola como lugar de aprendizado também fica distante dos alunos, dificultando o acesso à educação e escancarando as desigualdades não pensadas ao aderir o ensino remoto emergencial.

A realidade da Júlia também é a de milhares de famílias. Apesar de já fazer parte da sua rotina ajudar seu irmão, essa atividade ocupa um espaço e tempo que não era o habitual, fazendo com que a dedicação que ela teria aos estudos, se resumisse em apenas resolver as atividades disponibilizadas pelos professores, um

exemplo de prejuízo na educação que não ocorreria dentro da escola, já que este espaço em condições adequadas, oportuniza aos alunos dedicação exclusiva aos estudos e minimiza as desigualdades educacionais acentuadas pelo ensino remoto emergencial (FERREIRA; TONINI, 2020).

Como eram disponibilizados os conteúdos/ ou atividades pelos professores?

“A gente não tinha um cronograma certo, o professor avisava que deixaria trabalho no google classroom, dava a data de entrega a gente fazia, as vezes passava a data de entrega, mas o professor deixava a gente entregar mesmo assim.”
(Eduarda)

“E pra quem não tinha acesso ao google classroom a escola disponibilizava as atividades impressas e a gente retirava na escola.”
(Álvaro)

“A gente usava o whatsapp mais para avisar os colegas que tinha atividade e que tinha que retirar os trabalhos na escola.”
(Eduarda)

Havia um cronograma das aulas?

“O horário das aulas era o mesmo do atual, mas nós tínhamos 30 min de aula e 10 min de intervalo para cada período.”
(Eduarda)

“Era um horário bem reduzido e quase ninguém entrava.”
(Lucia)

“E quando voltou as aulas presenciais nós também tínhamos horário reduzido.”
(Álvaro)

No contexto de ensino remoto emergencial, essas falas são mais um indício de que o professor também foi muito afetado. Como o início do ensino remoto tinha de ser rápido, adaptar o cronograma de aulas ficou em segundo plano. O objetivo era ter alguma atividade para que os alunos preenchessem, de fato, o seu tempo de aula. Na sequência vieram as chamadas aulas síncronas, que serviram para tirar dúvida dos alunos quanto às atividades disponibilizadas e ainda assim sofreram com a baixa participação dos alunos, tanto em frequência, quanto em atuação efetiva das atividades.

E como foi o retorno às aulas? Vocês já se conheciam antes?

Álvaro, Otávio, Lucia, Gisele e Maria já se conheciam do ensino fundamental, foram colegas na Escola Landel de Moura.

“Estava com muita saudade de ter afinidade com os colegas, conversar e de tirar dúvida com o professor, de perguntar para ele e ele realmente ir lá e te mostrar. Mas a afinidade com os colegas é o principal. Da confraternização com os trabalhos...”
(Álvaro)

A partir do relato do Álvaro, trocamos ideias a respeito da influência do convívio e da relação do aluno com o professor em sala de aula, sobre a importância da interação com os colegas e de compartilhar vivências no ambiente escolar.

“O ambiente escolar é realmente o melhor para aprender. Porque sei lá, mais concentração (mesmo que tenha bastante gente), tem um professor, tipo, presencialmente contigo, controlando a turma e passando coisas, nos ensinando então eu gostei muito (do retorno as aulas presenciais) e achei que aprendi muito melhor.” **(Eduarda)**

A Eduarda destaca o ambiente escolar como um espaço de aprendizado. Reconhece que a sala de aula com os colegas abre espaço para bagunça e conversas paralelas, mas que ainda assim consegue enxergar que é um local de construção, de aprendizado. Ressalta ainda, a presença do professor como aspecto essencial.

“É que parece que é muito melhor aprender com os colegas, por mais que tenha bastante conversa e tal, é muito melhor aprender com eles, sei lá, tipo, para a gente trocar ideias, tipo o que eu não entendo, outro colega que entende pode me ajudar também.” **(Maria)**

“Tipo, tu tem uma dúvida, ai tu não quer tirar aquela dúvida (com o professor), ai vem um colega e pergunta a mesma dúvida, daí tu pensa aliviado que ele tinha a mesma dúvida que tu.” **(Álvaro)**

“Ou um colega que entendeu melhor que tu e ele te explica é bem melhor também.” **(Eduarda)**

“Queria dizer que é a mesma coisa praticamente (que os colegas falaram), mas socializar com os colegas eu gostei bastante.” **(Otávio)**

Novamente os alunos destacam a importância do ambiente escolar no processo de ensino-aprendizagem. A possibilidade de compartilhar suas dificuldades com os colegas, permite ao aluno a construção coletiva de conhecimento.

O que fez com que vocês não desistissem de vir para a escola? Mesmo sabendo que não reprovariam. Qual a motivação em voltar para a escola?

“Pensando no futuro sor. Acho que no ano que vem se fosse para fazer uma faculdade eu estaria mais perdido eu acho.” (Otávio)

“E outra porque é o último ano né sor. Não queria desistir no último ano.” (Álvaro)

“A minha motivação foi essa, por ser o último ano e porque minha mãe me obrigou. E depois que eu voltei para a escola eu voltei a gostar de estar na escola. E não faz sentido desistir faltando somente um ano.” (Eduarda)

“E por que o que eu quero fazer na minha vida o mínimo que eu tenho que ter é o ensino médio né?!” (Lucia)

Mesmo que os alunos relatem que o ensino remoto emergencial foi prejudicial ao seu desenvolvimento escolar, entendem a importância de continuar os estudos com a intenção de encerrar esse ciclo. Destacam que com o retorno as aulas presenciais, seu objetivo é finalizar essa etapa, para que o período de ensino remoto não represente um atraso nos seus planejamentos de vida.

“A minha mãe sempre prezou pelo estudo, para mim e meu irmão ter o mínimo do estudo porque ela não teve. Ela parou de estudar no 6º ano e agora que ela foi fazer a prova do Encceja (Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos) e ela sempre dizia quando eu era pequena que era minha obrigação estudar, que se eu queria ser alguém na vida eu teria que ter o mínimo do estudo. E para o meu irmão a mesma coisa.” (Eduarda)

Este relato da Eduarda foi muito semelhante ao que eu vivi na infância, a responsabilidade de ser alguém na vida e isso estar associado ao estudo. Acontece que neste caso é bem possível que a Eduarda siga estudando, mas carregará consigo o peso de ser alguém na vida conforme o seu desempenho profissional, que tem relação direta com os estudos.

“A minha mãe quando eu rodei no 7º ano, ela disse que a partir dessa reprovação eu tinha a minha responsabilidade e eu estudaria se eu quisesse. Mas eu decidi que eu iria estudar porque eu preciso. Para os meus objetivos serem alcançados eu preciso estudar (morar sozinha... etc).” (Lucia)

A partir dessa realidade, a jovem passa a enxergar a escola como única alternativa de mudança de vida. Passa a entender que para alcançar seus objetivos é essencial o estudo.

“Meus pais sempre me obrigavam a ir para a escola, eu nunca gostei muito de ir, mas fui me acostumando e hoje eu sou o orgulho deles porque estou me formando no ensino médio. Coisa que nenhum dos dois conseguiu terminar.” (Álvaro)

“Acho que muita gente desistiu também porque não entendeu nada no primeiro e no segundo ano. Quando chegou no terceiro acumulou tudo e parecia que tinham nos largado de paraquedas na escola.” (Gisele)

O que a Gisele nos relata, faz parte da proposta do CNE, que possibilita recuperar os anos de 2020 e 2021 em um ano letivo. Na escola Padre Reus, o primeiro trimestre foi dedicado a revisões de conteúdo do primeiro ano e do segundo ano do ensino médio, assim o restante do ano ficaria destinado ao terceiro ano do ensino médio.

Vocês tiveram um professor que motivou vocês?

“O professor Rafinha de Português.” (Lucia)

“É, a aula do Rafinha é bem diferente da forma robotizada dos outros professores, o jeito que ele se comunica com a gente, a forma descontraída, a forma que ele explica no quadro com o cotidiano da gente, ele fala das coisas que a gente vive mesmo.” (Álvaro)

A afirmação de que o professor de Português foi o principal motivador dos alunos foi unânime, apesar de constar somente nos relatos da Lucia e do Álvaro, todos os demais colegas concordaram com as afirmações acima. Ao aproximar o conteúdo as atividades de vida do aluno através de referências do seu cotidiano, acabamos esclarecendo e facilitando o entendimento das atividades. Assim, os alunos passam a compreender que os conteúdos desenvolvidos na escola também fazem parte da sua realidade.

Neste caso, trazendo para ao campo da geografia escolar, a autora Costella (2018) destaca a importância de trabalharmos a geografia do espaço ausente, que ela define da seguinte forma:

(...) os espaços ausentes ou mentalmente projetados precisam ser ancorados em representações presentes. O estudo de algo que não enxergamos de forma literal, parte de algo que estamos vivendo de forma literal. Sempre há o que relacionar com outras memórias já relacionadas e acomodadas (COSTELLA, 2018, p.51).

Sendo assim, trabalharmos os conteúdos de geografia relacionando com a nossa realidade, o que é vivido no entorno da escola e possibilitando ao aluno relacionar a sua realidade ou as suas memórias faz com que o entendimento do conteúdo trabalhado seja concreto.

E o que é um professor robotizado na opinião de vocês?

“Na real acho que eles explicam a matéria do jeito que foi ensinado para eles.” (Otávio)

“Falta eles puxarem coisa do nosso dia a dia para a gente se identificar e entender a matéria. E o pior é que a gente tem que copiar todos os slides e não pode nem usar o caderno para fazer as provas.” (Álvaro)

“Por exemplo, o nosso professor de geografia é um professor que só passa slide. É difícil ele falar. Tu copia slide e era isso aí e é muito slide. Talvez eles (professores) pensem que a gente por estar no último ano do ensino médio, querer sair da escola, pensem que a gente não está tão interessado, talvez seja isso né, mas sei lá.” (Lucia)

Com a proposta do ensino remoto emergencial surge também a necessidade de ampliar o uso das TICs – Tecnologias da Informação e Comunicação. Trazendo para a realidade deste grupo de alunos, seria mais importante o professor expor suas aulas de forma ativa, envolvendo o aluno como parte integrante da aula, seja a partir de suas vivências ou relacionando com o cotidiano, ao invés de realizar apenas a apresentação de slides.

Com relação ao futuro de vocês (próximos dois anos), você considera muito ou pouco otimista? Vocês idealizam algo para os próximos dois anos?

“Antigamente eu tinha muitas dúvidas do que eu queria ser, nos últimos três anos eu foquei em escolher um curso e decidi que

quero fazer Educação Física. Mas para cada um que eu falo isso uns falam que é a minha cara e outros dizem que não é para eu fazer porque não dá dinheiro. Mas eu penso que é uma coisa que eu gosto. Eu também estou tirando a minha carteira de habilitação e eu quero morar em Santa Catarina e estudar lá.” (Álvaro)

“Essa questão de saber o que a gente vai querer ser é uma cobrança muito grande, tanto da família quando das pessoas que estão ao nosso redor. Mas eu não tenho muito essa pressa (de saber o que vai estudar depois). Mas eu tenho alguns planos. Eu quero fazer técnico em enfermagem, eu sempre quis fazer o curso técnico em enfermagem. Quero tirar minha carteira de habilitação também.” (Lucia)

“Eu nunca quis ser outra coisa a não ser veterinária, mas, eu ando com uma “pulguinha” atrás da orelha para fazer publicidade e propaganda. Mas eu acho que vou ser veterinária.” (Maria)

“Eu não sei realmente o que eu quero fazer. Eu quero seguir a área de letras, mas também não tenho certeza. Mas daqui uns dois anos eu quero morar com minha amiga. Sabe aquela promessa desde criança que tu faz com a amiga e até hoje vocês são amigas e querem morar juntas?! Também quero continuar trabalhando e estudando, se tudo der certo.” (Eduarda)

“Eu quero ser enfermeira, desde criança.” (Júlia)

“Eu quero estar bem longe de Porto Alegre, bem longe! Eu faço música e daqui dois anos eu pretendo viver de música, pretendo viver de arte e ficar bem longe de Porto Alegre. Ano que vem assim, ir para São Paulo, que lá tem mais oportunidades e depois quero sair do Brasil.” (Otávio)

“Eu queria fazer técnico em enfermagem também, mas agora eu vou fazer administração porque trabalho um pouco com isso e quero tirar a carteira de habilitação e morar sozinha.” (Gisele)

Qual a importância tirar habilitação (CNH) para dirigir? Tem relação com status?

“É umas das coisas que te deixa mais independente, que te eleva o nível – ah eu vou ter meu carro agora. E por necessidade de deslocamento sor, aí eu deixo de andar de ônibus e levo menos tempo para chegar em casa.” (Álvaro)

“Eu acho carro um gasto muito desnecessário, ele só vai desvalorizar e tu vai gastar um monte com gasolina. Por necessidade eu ando de ônibus tranquila.” (Júlia)

“É que tipo assim, eu tenho um exemplo lá em casa que minha mãe ela trabalha longe. Ela trabalha lá na zona norte e mora na zona sul. Tipo, se ela tivesse habilitação, seja de moto ou de carro, o tempo que ela leva de ônibus para se deslocar até lá seria a metade do que ela gasta hoje.” (Eduarda)

A partir dos relatos, não posso deixar de destacar que mesmo diante das circunstâncias impostas pela pandemia, todos os desafios e dificuldades enfrentados, os alunos não deixaram de sonhar com seus futuros. Álvaro traz questões importantes sobre qual profissão escolher, mas Lucia contribui com um contraponto relevante quando fala da cobrança em escolher uma profissão de forma imediata ao término do ensino médio. Quando questionei o Otávio sobre o desejo de ir embora de Porto Alegre, ele relatou a importância dos pais nessa escolha, que no caso dele também são músicos e entendem que essa é a melhor forma dele seguir o seu sonho. Como todos do grupo externaram em suas falas a vontade de tirar a permissão para dirigir, questionei essa vontade deles e surgiram os debates acima.

Por fim, destaco a importância de nós professores, como educadores, estimularmos os sonhos dos alunos, dessa forma todos crescemos como sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender o impacto das mudanças no ensino durante a pandemia do covid-19, com destaque para os desafios e as perspectivas com o retorno às aulas presenciais.

Um dos principais problemas, evidenciado a partir das conversas com o grupo de alunos, é a relação deles com a modalidade de ensino. Durante esse período de ERE, os alunos relataram pouca participação na plataforma de ensino e elencaram dois fatores importantes. Primeiramente a dificuldade em ter um espaço adequado para os estudos e administrar um tempo exclusivo para isso que é a realidade de milhares de estudantes, e posteriormente a falta de um cronograma prévio por parte da escola, já que os alunos relatavam que muitas vezes os professores somente informavam que estava disponível uma nova atividade. Outra questão importante mencionada foi a dificuldade de dedicação aos estudos em casa, após chegar do trabalho, acabavam dando prioridade para atividades domésticas ou similares.

Não posso deixar de reconhecer que as escolas tiveram que atender as necessidades da nova modalidade quase que imediatamente, sem planejamento algum, dificultando ainda mais o processo de adaptação e adequação, ainda assim toda essa responsabilidade caiu sob os professores. Profissionais que já sofrem com a precarização do seu local de trabalho, tiveram que redobrar esforços para adaptar seus planos de aula.

Ao retornarem para a escola, os alunos reconhecem que sentiram um “vazio”, pois para eles, parece que foram do primeiro ano para o terceiro, como se tivessem abreviado o ciclo de estudos, o que ficou mais evidente quando a escola optou por revisar o ano letivo de 2020 e 2021 no primeiro trimestre de 2022.

Mesmo diante dos obstáculos enfrentados durante esse período de ensino remoto emergencial, os alunos finalizam sentindo otimismo com relação ao futuro, ainda que inseguros com o aprendizado, não hesitam de planejar o ingresso no ensino técnico ou superior. Resta saber como irão lidar com os próximos desafios até lá.

Como principais limitações desse estudo, destaco o número reduzido de participantes entrevistados e a realização de apenas dois encontros com o grupo focal. Serão necessários a realização de outros estudos a fim de compreender as consequências causadas pela pandemia de COVID -19 a longo prazo no âmbito da educação, devido a todas as limitações impostas pela doença.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José; FLORENTINO, Elisangela. Políticas Educacionais em Ação: educação híbrida: reflexões para a educação pós-pandemia. **Fgv Ebape**: Centro de Excelência e Inovação em Políticas Educacionais, São Paulo, v. 1, n. 14, p. 1-13, abr. 2021.

BEHAR, Patricia Alejandra. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

BRASIL. Portaria n.º 343, de 18 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Diário Oficial da União. Brasília, DF, n. 53, p. 39. março, 2020. Seção 1.

BRASIL. Decreto n.º 56.171, de 29 de outubro de 2021. Estabelece as normas aplicáveis às instituições e aos estabelecimentos de ensino situados no território do Estado do Rio Grande do Sul, conforme as medidas de prevenção e de enfrentamento à epidemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19) de que trata o Decreto nº 55.882, de 15 de maio de 2021, que institui o Sistema de Avisos, Alertas e Ações. Diário Oficial da União. Brasília, DF, n. 216, p. 9. outubro, 2021. 2ª Edição.

COSTELLA, Roselane Zordan. Espaços ausentes e não inexistentes na Geografia Escolar. In: COSTELLA, Roselane Zordan; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André. **Movimentos para ensinar geografia – oscilações**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2018. p. 47-61.

DUARTE, Adriana Pereira *et al.* O impacto da pandemia COVID-19 no ambiente escolar / The impact of the COVID-19 pandemic on the school environment. **Brazilian Journal Of Development**, Curitiba, v. 7, n. 11, p. 106949-106961, 22 nov. 2021.

FERRARI, Fernando Augusto. As causas e consequências do índice de evasão escolar no ensino médio da Educação de Jovens e Adultos “EJA” Professor Antonio de Almeida Junior – Osasco SP. 2014. 43 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

FERRAZ, Mateus. **Acordo entre Assembleia e governo do RS vai garantir internet a estudantes e professores.** 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/05/acordo-entre-assembleia-e-governo-do-rs-vai-garantir-internet-a-estudantes-e-professores-cka5v731700nm015nr2p945t4.html>. Acesso em: 03 set. 2022.

FERREIRA, Débora Schardosin; TONINI, Ivaine Maria. Há uma escola como lugar em período de pandemia? **Ensaio de Geografia**, Niterói, v. 5, n. 10, p. 27-32, jul. 2020.

FONSECA, Gabriel Cabral da *et al.* As vozes de alunos do ensino médio acerca do ensino remoto emergencial: possibilidades e desafios na aprendizagem. **Research, Society And Development**, Goiânia, v. 10, n. 8, p. 1-12, 13 jul. 2021.

GOMES, Iara Rafaela; DANTAS, Átila Firmino; BARBOSA, Tiago Fernando Gomes. O ensino em tempos de pandemia da covid-19: um olhar das experiências do fazer pedagógico remoto. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 39, p. 164-177, 10 nov. 2021.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Como fica o ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19? **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2021.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Histórico da pandemia de COVID-19.** Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 09 set. 2022.

POMMER, Clarice Peres Carvalho Retroz; POMMER, Wagner Marcelo. A metodologia do grupo focal e a formação continuada do professor: um olhar interativo envolvendo a articulação cognição e emoção. **Revista Itinerarius Reflectionis – Ufg**, Goiás, v. 10, n. 2, p. 5-21, dez. 2014. Semestral.

REVISTA IBERO AMERICANA DE EDUCACIÓN. **EDUCACIÓN Y PANDEMIA. EFECTOS Y OPCIONES DE POLÍTICAS EN IBEROAMÉRICA**. Madrid: Oei, v. 86, n. 2, ago. 2021.

SEGATI, Ana Flavia.; JORDÃO, Rosana dos Santos. Os Contextos do Ensino Remoto e Remoto/Presencial sob a Perspectiva dos Alunos do Ensino Médio durante a Pandemia da COVID-19. *EaD em Foco*, v. 12, n. 2, e1664, 2022.

TATAGIBA, Jocilea de Souza.; TATAGIBA, Lucilene de Souza. Educação em Tempos de Pandemia: Limites e Potencialidades Segundo a Percepção dos Estudantes de uma Escola Estadual do Rio de Janeiro. *EaD em Foco*, v. 11, n. 2, e1317, 2021

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO



CARTA DE APRESENTAÇÃO TCC GEOGRAFIA

Prezado (a) Diretor (a):

Apresentamos o estudante LUCAS EDUARDO DE BORBA nº da matrícula 264467, regularmente matriculado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, da Licenciatura em Geografia. Solicitamos permissão para que realize as atividades de (X) observação e (X) entrevistas com alunos dos terceiros anos do ensino médio noturno nessa instituição de ensino na disciplina de Geografia.

Esclarecemos que tais atividades são necessárias para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“O impacto das mudanças no ensino durante a pandemia de covid -19: desafios e perspectivas com o retorno às aulas presenciais”** orientado pelo Profº Drº Nestor André Kaerch.

Atenciosamente,

Nome e Assinatura do Professor(a) Orientador(a)

Porto Alegre, 08 de setembro de 2022

A/o Diretor/a da Escola:

Universidade Federal do Rio
Grande do Sul UFRGS Av.
Paulo Gama, 110 - 90040-060 -
Porto Alegre/RS

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Trabalho: O impacto das mudanças no ensino durante a pandemia de covid -19: desafios e perspectivas com o retorno às aulas presenciais

Eu _____ autorizo, por meio deste termo, o graduando Lucas Eduardo de Borba, realizar a gravação da minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte para fins de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC em Geografia.

Essa AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso do pesquisador em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição da minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;

Nome do Participante

Assinatura do participante

Porto Alegre, _____ de _____ de _____.

APÊNDICE C – FORMULÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO

Título do Trabalho: O impacto das mudanças no ensino durante a pandemia de covid -19: desafios e perspectivas com o retorno às aulas presenciais

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

NOME:

SEXO/GÊNERO:

IDADE:

BAIRRO QUE RESIDE:

TEMPO E MODO DE DESLOCAMENTO (CASA E/OU TRABALHO) ATÉ A ESCOLA:

APÊNDICE D – ENTREVISTA: GRUPO FOCAL ENCONTRO I

Título do Trabalho: O impacto das mudanças no ensino durante a pandemia de covid -19: desafios e perspectivas com o retorno às aulas presenciais

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1) Como a pandemia de covid 19 afetou nos seus estudos? Havia um local na sua casa que você considerava ideal para assistir as aulas?
- 2) Dentro das questões que vocês me relataram, vocês conseguem elencar algum aspecto positivo do ensino remoto?
- 3) Vocês consideram que estar no ambiente escolar é essencial para o aprendizado?
- 4) Como foi tratada a pandemia na família de vocês?
- 5) Como eram disponibilizados os conteúdos/ ou atividades pelos professores?
- 6) Havia um cronograma das aulas?
- 7) E como foi o retorno às aulas? Vocês já se conheciam antes?
- 8) O que fez com que vocês não desistissem de vir para a escola? Mesmo sabendo que não reprovariam. Qual a motivação em voltar para a escola?

APÊNDICE E – ENTREVISTA: GRUPO FOCAL ENCONTRO II

Título do Trabalho: O impacto das mudanças no ensino durante a pandemia de covid -19: desafios e perspectivas com o retorno às aulas presenciais

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1) Vocês tiveram um professor que motivou vocês?
- 2) E o que é um professor robotizado na opinião de vocês?
- 3) Com relação ao futuro de vocês (próximos dois anos), você considera muito ou pouco otimista? Vocês idealizam algo para os próximos dois anos?
- 4) Qual a importância tirar habilitação (CNH) para dirigir? Tem relação com status?